



Horizontes Antropológicos

49 | 2017

Antropologia, Etnografia e Educação

Apresentação

Cornelia Eckert, Neusa M. M. de Gusmão, Sandra Pereira Tosta e Tania Dauster



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1711>

ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 30 setembro 2017

Paginação: 9-18

ISSN: 0104-7183

Referência eletrónica

Cornelia Eckert, Neusa M. M. de Gusmão, Sandra Pereira Tosta e Tania Dauster, « Apresentação », *Horizontes Antropológicos* [Online], 49 | 2017, posto online no dia 09 outubro 2017, consultado o 15 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1711>

APRESENTAÇÃO

Cornelia Eckert*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Neusa M. M. de Gusmão**

Universidade Estadual de Campinas – Brasil

Sandra Pereira Tosta***

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Brasil

Tania Dauster****

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil

O presente dossiê com a temática “Antropologia, Etnografia e Educação” assume o desafio de fornecer algumas alternativas de respostas sobre a possível coexistência das disciplinas – antropologia e educação – e como elas se exercitam enquanto campos científicos diversos e em relação. A proposta tem por base a ideia de que o contexto disciplinar aponta para afinidades possíveis de complementaridade, cooperação, e, também, sugere a existência de conflitos entre as duas áreas. A dimensão dessa complexa coexistência permite acreditar nas possibilidades de uma antropologia da educação e/ou antropologia e educação moderna e crítica, postas no cenário acadêmico e científico nacional e internacional, como evidenciam as contribuições deste dossiê. Em sua interface com a educação, esse diálogo não é novo, ao contrário, reporta a uma longa tradição nas obras de Franz Boas, Marcel Mauss, Ruth Benedict e Margaret Mead.

* Contato: chicaeckert@gmail.com

** Contato: neusagusmao@uol.com.br

*** Contato: sandra@pucminas.br

**** Contato: tdauster@puc-rio.br

Tal fato se apresenta na contramão da afirmação de pesquisadores que consideram que a antropologia da/e educação *não existe*. É preciso que se reconheça o papel do tempo nos avanços das diversas ciências e, dentre estas, a ciência antropológica. Como diz Schuch (2002, p. 88), “a antropologia não é, nem nunca foi única”, ao que Zacher (2007, p. 63) complementa dizendo que não basta ressaltar a diversidade dessa ciência, mas, sim, “salientar que é essa diversidade que garante a reflexividade da antropologia” como ciência. Timothy Ingold (2008) sinaliza a aproximação entre esses campos ao revelar que uma educação em antropologia vai além de fornecer um conhecimento do mundo, do “outro” e de sociedades e culturas. A prática antropológica é uma invenção epistemológica e cognitiva que educa e forma outras percepções, abrindo olhos e mentes para a diversidade e para outras possibilidades e formas de existência.

Assim, é sabido que, desde as duas últimas décadas do século XX, existe um processo intenso de migração da antropologia para fora das ciências sociais e para outras áreas, nomeadamente, a educação. Trata-se da construção acadêmica de uma possível interdisciplinaridade que, por inclinações diferentes, recebe a classificação de antropologia e educação ou antropologia da educação. Evidente que os termos “e” ou “da” encerram significados e propõem relações, perspectivas, problemáticas, representações e práticas que merecem reflexões, porém, não é o objetivo da proposta abrir essa discussão.¹

Cabe lembrar que a educação é um campo que se nutre também da interdisciplinaridade de maneira específica e distinta das ciências sociais. No caso brasileiro, a antropologia como disciplina entra tardiamente na educação, com a finalidade de fundamentar ou de ser tratada como ciência-fonte e embasar teoricamente a educação como prática social e a construção de seus objetos de pesquisa. Tal processo ocorre depois de outras disciplinas que primeiro migraram para a educação, como é o caso da história, da psicologia, da sociologia, da biologia, filosofia, etc. Em escala mundial, a antropologia também busca na interdisciplinaridade seus problemas de investigação e, nesse caso, não se fez ou se faz indiferente à educação.

¹ Este dossiê respeita as denominações assumidas pelos autores dos textos e deixa em aberto um espaço para futuras discussões.

Contudo, tais esforços não se traduziram necessariamente num processo de conhecimento consolidado, quer seja em um campo ou no outro. Assim, este dossiê tem por finalidade desvelar os muitos véus do que se fez e do que se faz em termos da antropologia e educação, considerando a importância da presença, dinamicidade e permanência das relações entre essas duas matrizes disciplinares no tempo e, particularmente, nos tempos atuais.

Esse crescimento tentacular, multifocal e bastante heterogêneo entre antropologia e educação habita contextos diversos, tais como os programas de graduação e de pós-graduação em educação, em espaços públicos como as universidades federais e estaduais e, também, em universidades particulares como as PUCs, apenas para citar alguns exemplos. Concomitantemente, o interesse pela interseção antropologia/educação nos programas de ciências sociais tende a se ampliar, mas ainda pode ser considerado pouco expressivo.

De todo modo, a expectativa com esta edição de *Horizontes Antropológicos* é a de inventariar a produção de pesquisadores ao debaterem a educação, *no sentido ampliado do termo*, e a escola como *locus* por excelência da educação moderna, mas não só ela. Outras educações, como diz Brandão (2004), são possíveis de alargar a reflexão a respeito de processos educativos de diferentes grupos, em diferentes espaços, situando a contribuição da antropologia e da cultura no campo educacional. Hoje, a antropologia da/e educação abre seus focos para as sociabilidades e socializações múltiplas, processos de formação, rituais, festas, modos de fazer, sentir e agir, aprendizagem de técnicas e convivências.

Portanto, pesquisadores, como os que aqui discutem a relação antropologia e educação, buscam compreender os muitos caminhos de um saber de fronteira e, assim, empreender diferentes trajetórias etnográficas para dar corpo e alma a esses diálogos, tendo em conta a dimensão de um campo científico competente para não cair em idealismos relativistas e vazios ou reforçar pensamentos que negam o avanço da antropologia como ciência. De qualquer forma, o que nos cabe é estimular o debate para além das fronteiras, sair da zona de conforto representada pelo que nos é próximo, reconhecido e legitimado para constituir outros horizontes.

Desde essas perspectivas, este dossiê se pauta por questões concernentes ao método e objeto(s) do campo antropológico. Ao mesmo tempo, busca ultrapassar visões fechadas da educação escolarizada e reprodutivista para demarcar as possibilidades de uma *etnografia na educação* de caráter

interpretativista, semiológica e reflexiva, espaço de conformação de uma *antropologia da/e educação* no caso brasileiro. E de outras abordagens já consagradas em outros países e centros de investigação.

Intenciona-se, então, permitir o deambular por perspectivas diversas de construção de uma antropologia e educação ou da educação hoje, como campos nem sempre excludentes, como por vezes se entende. Busca-se também, nessa proposta, evidenciar caminhos novos e emergentes nos debates que pautam a temática.

As visões contemporâneas de uma ciência antropológica moderna e propositiva a respeito do que fazem alguns investigadores brasileiros e estrangeiros preocupados com o campo educacional revelam que reconhecem a heterogeneidade do social, com múltiplas experiências, e assumem a teoria e a prática como elementos inseparáveis na construção do conhecimento.

Por tudo isso, há muitos caminhos pelos quais a interface antropologia da/e educação pode ser considerada, já que esse é um campo em permanente construção no Brasil, na América Latina e, mesmo, no Velho Mundo. De acordo com a postura de Cardoso de Oliveira, tal como a cita Zacher (2007), pode-se dizer que a antropologia brasileira se conforma minimamente de modo reflexivo e se faz como antropologia de engajamento frente a uma prática, que, além de científica, é política, dado que assume o papel de mediar as relações entre os povos que estuda, sejam índios, negros, mulheres, *gays*, jovens, velhos, etc. – e o Estado que regula a presença destes em âmbito nacional. Contudo, tal contexto também se faz presente no caso argentino, como discute Cerletti, ou no caso alemão, discutido por Wulf, neste dossiê, e que revelam uma face moderna e contemporânea da antropologia e de sua prática.

Desse modo, este dossiê busca dar visibilidade a publicações mundo afora, a estudos e pesquisas, a autores e centros de investigação que atuam, pesquisam e produzem um pensar sobre antropologia e educação na contemporaneidade. A proposta é a discussão consistente do aparato teórico da antropologia a fim de embasar os estudos etnográficos, definir a natureza do trabalho de campo e, também, estabelecer parâmetros na análise dos fenômenos educativos na escola e além dela, nas práticas sociais de diferentes grupos, seja no contexto brasileiro ou internacional.

Cabe registrar que as organizadoras deste número, todas antropólogas, embora com trajetórias distintas, são formadas em programas de antropologia considerados de excelência. Eckert desde sempre atuou no campo das ciências

sociais. Por sua vez, Gusmão atuou em programas de antropologia e também atuou fora das ciências sociais, no campo da educação. Dauster e Tosta construíram suas carreiras como docentes e pesquisadoras em programas de pós-graduação em educação altamente classificados pela Capes. Ao trilharem esse caminho, todas se inspiram no fato de que “[...] a especificidade do trabalho antropológico [...] em nada é incompatível com o trabalho de outros colegas de outras disciplinas sociais, particularmente quando, no exercício de suas atividades, articulam a pesquisa empírica com a interpretação de resultados” (Cardoso de Oliveira, 1998, p. 17).

Frente a esta breve contextualização da interface antropologia e educação, várias problemáticas aparecem como convites à reflexão neste número de *Horizontes Antropológicos*, que abrange os seguintes eixos:

- 1) antropologia, etnografia e educação: prática e teoria (olhares brasileiros e estrangeiros);
- 2) antropologia, etnografia e educação no Brasil;
- 3) etnografia e educação: formação de professores e experiências de ensino e aprendizagem e políticas públicas.

Os eixos descritos resultaram de seleção dos artigos que, por meio da chamada pública, chegaram às organizadoras. Feita uma triagem inicial em profundidade dos artigos recebidos, estes foram disponibilizados à avaliação de pareceristas externos. Essa avaliação “cega” foi referência para a seleção final dos artigos feita pelas organizadoras em contato com os editores. A leitura dos textos revelará que nem todos os eixos foram contemplados tal e qual o desenho inicial deste número da revista. Contudo, estamos certas de que o sistema classificatório que pode ser extraído desses trabalhos indicará que alguns deles ficam nas fronteiras entre aqueles eixos e compõem as dimensões que apresentamos abaixo com o conjunto de textos correspondentes.

Antropologia, etnografia e educação: prática e teoria (olhares brasileiros e estrangeiros)

No artigo do antropólogo alemão Christoph Wulf, “Anthropology today. A study on family wellbeing and transcultural insights – A German Japanese study”, o autor afirma que a fragmentação e a “desterritorialização”

da antropologia contemporânea possuem um potencial considerável para o desenvolvimento de novos modos de reflexão e pesquisa antropológica. Esse cenário também oferece uma oportunidade para nos libertar das tradições ultrapassadas de nossa disciplina e redefinir os horizontes da antropologia.

Já os antropólogos Gilmar Rocha e Sandra Pereira Tosta, no artigo “O campo, o museu e a escola: antropologia e pedagogia em Franz Boas”, discutem a experiência antropológica de Franz Boas (1858-1942), considerado fundador da tradição norte-americana da antropologia cultural na primeira metade do século XX. Destacam algumas contribuições do autor à luz de sua trajetória intelectual-pedagógica e de suas proposições teórico-metodológicas acerca da educação, tendo como foco o campo, o museu e a escola.

Cristina Patriota de Moura, no artigo “Considerações sobre dinâmicas educacionais em tempos de transnacionalização chinesa”, se debruça sobre trajetórias de mobilidade estudantil a partir de diferentes localidades da República Popular da China, passando pela capital Beijing, até chegar à costa oeste dos Estados Unidos. A partir de entrevistas realizadas com estudantes internacionais na Universidade da Califórnia em Davis, a análise proposta pela autora dialoga com a multiplicidade de possíveis transnacionalidades chinesas em tempos de globalização.

No artigo “Antropología y Educación en Argentina: de condiciones de posibilidad, preocupaciones en común y nuevas apuestas”, Laura Cerletti apresenta um quadro das investigações contemporâneas em antropologia e educação na Argentina. A análise se desenvolve em torno de três dimensões: 1) a consideração das possibilidades para a produção de conhecimentos vinculadas às políticas de ciência e tecnologia; 2) a conformação de três importantes sedes de investigação em antropologia e educação em rede; 3) os aportes realizados nessas investigações para pensar e produzir o ensino da antropologia.

Antropologia, etnografia e educação no Brasil

No artigo “Do controverso ‘chão da escola’ às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação”, Alexandre Barbosa Pereira discute os dilemas da aproximação interdisciplinar entre antropologia e educação, a partir de duas perspectivas importantes: a etnografia e as práticas culturais juvenis. Aborda como a etnografia constitui um ponto controverso de diálogo e retoma também a incontornável e clássica discussão sobre as noções

de juventude e de fases da vida, que tem propiciado um debate bastante profícuo, agregando pesquisas que se situam entre a antropologia e educação.

Ana Paula Mendes de Miranda e Bóris Maia, no artigo “Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro”, tomam por objeto as relações de gênero e buscam contrastar a visibilidade da temática na esfera pública com a invisibilidade da mesma no cotidiano das escolas públicas. A partir da descrição de casos de conflitos de gênero, os autores mostram os agentes envolvidos, os discursos mobilizados e a forma institucional pela qual foram administrados pela equipe técnico-pedagógica da escola. Os dados apresentados derivam de uma pesquisa realizada em diferentes escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, nas quais as atividades escolares foram acompanhadas a partir de trabalho de campo e observação participante.

Por sua vez, o artigo “A agência da noção de *bullying* no contexto brasileiro a partir da etnografia de uma experiência escolar”, de Juliane Bazzo, discute a agência da noção de *bullying* na atualidade brasileira, ancorado na etnografia das vivências escolares de um aluno de uma instituição pública de ensino, situada no estado do Rio Grande do Sul. A etnografia das experiências desse garoto é potente em evidenciar ambiguidades que permeiam hoje o agenciamento do *bullying*, obscurecidas nos debates públicos atuais.

Amurabi Oliveira apresenta uma reflexão da antropologia brasileira sobre seu próprio desenvolvimento e como tem demandado cada vez mais uma análise cuidadosa dos diversos campos de pesquisa que a compõem, o que inclui a antropologia da educação no Brasil. No artigo “Uma antropologia fora do lugar? Um olhar sobre os antropólogos na educação”, o autor busca contribuir para esse debate, analisando o perfil e a atuação de antropólogos nos programas de pós-graduação em educação no Brasil, discutindo o lugar da antropologia no campo educacional brasileiro.

Etnografia e educação: formação de professores e experiências de ensino e aprendizagem e políticas públicas

“Carreira de usuários da cultura escrita e formação de professores: um ensaio etnográfico”, é o artigo apresentado por Andréa Pavão, cujo objetivo central é investigar o papel da leitura e da escrita nos cursos de pedagogia.

Para isso, a autora debruça-se sobre dados de pesquisa longitudinal realizada entre 2000 e 2004, em comparação a etnografias. A partir desses dados, oferece elementos que apontam a importância da melhoria dos níveis de proficiência de leitura e escrita na formação de professores como ponto estratégico para a superação dos problemas educacionais no Brasil.

Luiz Alberto Couceiro, em “Cabra marcado para Bourdieu: educação formal e narrativas de sofrimento e violência na experiência escolar”, analisa a construção de discursos de sofrimento e dor, observados em estudantes, ao narrarem experiências de castigos físicos das crianças e suas famílias na paradoxal relação com a escola, seus desafios, e consequências. O autor pretende responder em que medida as escolas são capazes de conformar códigos de significação da vida social para essas crianças sem envolver dramáticos custos familiares.

O artigo de Letícia Veloso, “Private early childhood education and the democratic imagination: Projects, and paradoxes”, baseia-se em pesquisa etnográfica numa pré-escola privada cujas práticas pedagógicas foram orientadas para imprimir noções de cidadania em crianças pequenas. A autora estuda a relação entre a prática educacional, a educação infantil e os significados, possibilidades e limitações de uma educação crítica e de uma pedagogia democrática.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a mais importante do estado, sempre foi um reduto da branquidade. No período de 2008 a 2012, a UFRGS implantou uma política de ação afirmativa que aumentou as oportunidades de alunos pretos, pardos e indígenas entrarem em seus cursos de graduação. O artigo de Arabela Campos Oliven e Luciane Bello, “Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS”, discute essa política e analisa a experiência de um grupo de universitários negros e indígenas, que foram os primeiros a ingressar na UFRGS através da reserva de vagas.

Na sessão Espaço Aberto, publicamos o ensaio histórico/antropológico de Carlos Rodrigues Brandão, ícone e pioneiro no campo da antropologia e/da educação no Brasil, intitulado “A educação como cultura. Memórias dos anos sessenta”, com o qual esperamos que sua fala instigante possa ser inspiradora na formação de tantos outros antropólogos e leitores de *Horizontes Antropológicos*, motivando outras descobertas em torno da antropologia e da educação na atualidade.

Vem sendo de nosso interesse apresentar, discutir e divulgar amplamente a produção de antropologia da/e educação em publicações e congressos dentro e fora do Brasil. Consideramos de grande valor a oportunidade de fazê-lo no contexto da revista *Horizontes Antropológicos*, veículo de relevância acadêmica e antropológica incontestável, tanto na esfera nacional quanto internacional.

A capa deste número exibe uma foto do antropólogo Gregory Bateson, obtida no trabalho de campo realizado por ele e Margaret Mead em Bali e publicada na obra que tem por título *Balinese character: a photographic analysis*, de 1942 (Bateson; Mead, 1942). Trata-se da imagem de um mestre ensinando uma técnica corporal a uma criança inserida na cultura do grupo. A aprendizagem das técnicas gestuais implica a construção da identidade balinesa, os modos de sentir, agir e pensar do grupo. Nessa perspectiva, a escolha da imagem contempla a concepção de educação que norteia a proposta deste número, qual seja, uma visão abrangente da educação. Cabe também dizer que tal escolha resultou de pesquisa feita por Cornelia Eckert, que é especialista em antropologia da imagem, além de ser parceira na organização deste número de *Horizontes Antropológicos*.

No mesmo espírito de parceria que orientou todo o nosso trabalho, destacamos e agradecemos a Neusa M. M. de Gusmão pela edição final do artigo de Christoph Wulf, bem como do texto de Carlos Rodrigues Brandão que, em justa homenagem, ocupa o Espaço Aberto neste número. As fotos que ilustram o texto de Brandão, do acervo do autor, contaram com tratamento fotográfico de Gilson Goulart, a quem agradecemos a colaboração. Sem a dedicação de Rossana D'Alessandro Kosciuk, certamente não chegaríamos a tão bom termo no processo de organização deste número de *Horizontes Antropológicos*. A ela nossos agradecimentos e, também, a todos os colaboradores no processo de editoração do presente volume.

Referências

BATESON, G.; MEAD, M. *Balinese character: a photographic analysis*. New York: Academy of Sciences, 1942. Disponível em: <<https://archive.org/details/BatesonGregoryMeadMargaretBalineseCharacterAPhotographicAnalysis1942>>. Acesso em: 30 set. 2016.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo15; São Paulo: Unesp, 1998. p. 17-35.

INGOLD, T. Anthropology is not ethnography. In: JOHNSTON, R. (Ed.). *Proceedings of the British Academy*: volume 154: 2007 lectures. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 69-92.

SCHUCH, P. O “estrangeiro” em “campo”: atritos e deslocamentos no trabalho antropológico. *Antropolítica*, Niterói, n. 12/13, p. 73-91, 2002.

ZACHER, L. Antropologia em campo, no campo ou acampada? – Reflexões sobre o lugar do antropólogo junto a uma organização não-governamental na cidade de Porto Alegre. In: FLEISCHER, S.; SCHUCH, P.; FONSECA, C. *Antropólogos em ação: experimentos de pesquisa em direitos humanos*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007. p. 61-75.